



SEBASTIÃO FEYO DE AZEVEDO
DIRETOR DA FACULDADE
DE ENGENHARIA
DA UNIVERSIDADE DO PORTO

“A OE TEM DE CONTINUAR A TRANSMITIR À SOCIEDADE A IMPORTÂNCIA DA ENGENHARIA”

Joana Soares
OERN
Fotos: FEUP

Distinguido pela Federação Europeia de Engenharia Química (EFCE) com a medalha Dieter Behrens, Sebastião Feyo de Azevedo, atual diretor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP) e vice-presidente nacional da Ordem dos Engenheiros (OE) nos dois anteriores mandatos é a quinta personalidade Europeia galardoada com este prémio.

Em entrevista à INFO, fala sobre a distinção, descreve os principais desafios enquanto diretor da FEUP, analisa o ensino português de engenharia, o papel da OE no exercício da profissão e a importância da engenharia para a situação do país.

Foi eleito para o cargo de diretor da FEUP para o mandato de 2010-2014. Desde que tomou posse e até ao momento, quais têm sido os principais desafios?

Em 2010 tomei posse na sequência de um programa, proposto ao Conselho de Representantes da Faculdade de Engenharia, com um conjunto de linhas e diretrizes que acho claras e que estou a cumprir. A missão da Faculdade é a educação, a investigação, o empreendedorismo, a inovação e a ligação à sociedade em prestação de serviços. Ora, no plano estratégico que propus tenho dois pontos fundamentais que são transversais a esses temas da missão: a internacionalização e a qualidade percebida com critérios internacionais.

Dito isto importa um comentário fundamental: na atividade universitária o que hoje se vê é resultado de muitos anos de construção. As conquistas da universidade não são conquistas de um minuto, mas de muitos anos. Por isso, e sob outro ponto de vista, importa enfatizar que no essencial tenho vindo a manter e a fortalecer uma trajetória que vem da atividade de colegas muito distintos como foi o caso do Professor Marques dos Santos, nos seus dez anos de diretor, e do Professor Carlos Costa nos seus nove anos como diretor da faculdade.

No plano local tenho muitas preocupações de organização, aspeto que considero ser o grande deficit nacional relativamente à Europa. Neste momento Portugal tem gente nova com

uma formação extraordinária, tão boa como em outra parte do mundo e, comparativamente a qualquer outro europeu, capaz de competir a nível mundial. Contudo, em termos relativos com os países ricos, Portugal tem um grande défice de organização. Falo de organização, não de capacidade individual, portanto o nosso problema é coletivo e não individual.

Nesse sentido, tenho feito bastante esforço para trazer princípios de organização mais rígidos, mas não é fácil devido à nossa cultura.

Neste grave momento de crise, importa ter a coragem de dizer que Portugal não está na situação em que se encontra por azar. Em primeiro lugar é por culpa nossa, mas temos todas as condições para ultrapassar esta situação. É verdade que há uma componente de crise europeia, mas cuidado, a crise europeia é em parte da "história", demasiadas vezes usada como uma desculpa, porque mesmo com essa crise há países europeus que continuam a desenvolver-se.

Nesta perspetiva os meus desafios foram no sentido de racionalizar internamente o funcionamento geral e favorecer a internacionalização. E isso tem sido conseguido.

Está anunciado pelo Governo mais cortes e restrições da autonomia de gestão das instituições de ensino superior. Como é que a FEUP e o senhor Eng.º enquanto diretor têm respondido a esta situação? Como tem feito para cumprir a estratégia da instituição e manter um nível de elevada qualidade?

A FEUP tem uma situação privilegiada em termos relativos com muitas outras instituições. Tem muita reputação a nível nacional, uma grande procura de estudantes e factualmente recebe os melhores estudantes de Portugal. A FEUP tem de manter isso, ganhou o direito a essa reputação com trabalho e mantê-la-á com trabalho.

Na investigação temos de apoiar muito os nossos colegas para sermos competitivos. Fomentar uma política de investigação de qualidade, que temos conseguido através da nossa estrutura de cooperação e de discussões científicas que mantemos continuamente, e defender muito essa política, o que passa por fazer uma

coisa que, doa a quem doer é muito importante, que é dar alguma relevância aos rankings internacionais na área da investigação, promover de alguma forma a auto-estima, promover os meios e a capacidade de sermos competitivos. É mais promover e menos dirigir. Na universidade só conseguimos fazer coisas quando damos meios e os colegas aderem às iniciativas.

Agora há questões que têm a ver com a situação gravíssima que se vive conjuntamente. A primeira tem a ver com os cortes que são muito pesados: a nível individual dos professores e das remunerações, o que fatalmente dificulta a motivação, e a nível dos orçamentos gerais. Estes cortes obrigam a tomar medidas, a racionalizar processos, e aí existe alguma dificuldade cultural pois somos bastante conservadores. Em alguns casos temos métodos de trabalho que podem e devem ser melhorados. Dou o exemplo do problema do excesso e dispersão de unidades curriculares. Os professores encontram muita motivação no exercício de 'terem' a sua disciplina, mas isso, nos dias de hoje, pode inviabilizar a gestão global da universidade.

A outra questão é muito simples. O atual modelo de funcionamento em vários aspetos não é sustentável e temos de ter a coragem de ver isso e de atuar antes dos problemas ocorrerem. Não podemos seguir a trajetória suicida que os nossos governos seguiram nos últimos 17 anos, com as consequências que todos estamos a sentir. Temos gastos gerais muito elevados no todo da nossa atividade de educação e investigação. A investigação, até agora, tem contribuído de forma muito limitada para cobrir esses gastos. Isso foi ótimo, as pessoas tiveram dinheiro para os seus trabalhos, mas a realidade é que temos todos que contribuir para esses gastos gerais, uma mudança de política que não é fácil de implementar uma vez que altera a estrutura económica da atividade. Portanto isso é um desafio importante, o de convencer as pessoas que é preciso mudar de paradigma, de modelo de funcionamento.

Repito o que disse, um dos comportamentos mais graves que há, e aconteceu com os governos, de que sou muito crítico como cidadão, é o saber que as coisas estão a acontecer e não tomar medidas a tempo. Se não temos coragem

ou força para tomar medidas a tempo então demitimo-nos. Agora se só tomamos medidas depois do desastre acontecer, nós somos culpados. Isto é a minha visão de direção de uma instituição.

Referiu que um dos seus desafios passa por favorecer a internacionalização. Que desempenho tem tido a FEUP nesta área?

A cooperação internacional é a face visível da internacionalização. Não há a visão milagrosa de não colaborar com o estrangeiro e ter uma boa visibilidade internacional. Portanto a Faculdade tem que fomentar a internacionalização. Isso é claramente uma política minha. A FEUP tem que pertencer a grandes redes internacionais.

Quando entrei para diretor a FEUP já pertencia ao “CESAER- Conference of European Schools for Advanced Engineering”, que é a maior organização europeia de escolas de engenharia, e agora somos membros do *Board of Directors do CESAER*. Apresentamos a candidatura e tivemos a honra de ter cá no Porto, em maio passado, a reunião de diretores. Isto são marcos.

Em final de novembro também realizamos a primeira conferência internacional EUR-ACE. Vieram ao Porto assistir a esta conferência colegas da Nova Zelândia, de Singapura, da Rússia, e isto tem algum significado. Portanto, temos promovido muito a cooperação internacional da faculdade. Acrescento que beneficiamos todos também da enorme atividade de muitos dos meus colegas que fazem o mesmo. A FEUP tem uma intensíssima agenda de intervenção em organizações internacionais de grande relevo.

Adicionalmente temos uma atividade cada vez mais intensa de participações em projetos internacionais, europeus, e dos EUA como o MIT e o Carnegie Mellon. Centro a atenção nos projetos europeus, pois trata-se de projetos ganhos pelo trabalho individual e que são financiados a nível europeu, enquanto que os projetos com os americanos são financiados por Portugal.

Certamente que cabe aqui dizer que entre 2011 e 2012 tivemos projetos aprovados a nível europeu, contratos que valem para a FEUP mais de onze milhões de euros. Destaco três projetos de grande prestígio científico internacional, para

lá dos importantes valores de financiamento: o projeto do Professor Adélio Mendes -- uma *European Research Council Advanced Grant* no valor de cerca de 2 milhões de euros, destinado a desenvolver células solares sensibilizadas com corante para desenvolver energia elétrica; o do Professor Manuel Alves -- uma *European Research Council Starting Grant*, de cerca de 1 milhão de euros, destinado a estudar instabilidades elásticas; e a bolsa para o projeto cidades do futuro do Professor João Barros, no valor de cerca de 1,6 milhões de euros. Isto revela uma enorme capacidade de afirmação internacional da Faculdade de Engenharia, o que aliás encontra reflexo na imensa qualidade dos resultados dos rankings relacionados com a investigação.

No ranking da NTU (National Taiwan University), que tem critérios muito bem definidos e concretos associados aos trabalhos reportados em bases de dados internacionais reconhecidas por todos os parceiros, temos excelentes resultados a nível das instituições europeias: a área da engenharia mecânica aparece em 7º lugar, a engenharia química em 12º e a engenharia civil em 19º. São resultados que nunca tivemos, resultados muito bons em qualquer patamar de apreciação.

E a ligação com o mundo empresarial? De que forma a FEUP fomenta o empreendedorismo e acolhe projetos inovadores?

A FEUP tem a sua atividade própria, com a sua marca, a que se associam as empresas ‘spin-off FEUP’, mas tem tido uma grande parceria de desenvolvimento no plano nacional e internacional com o UPTEC, dirigido atualmente pelo Professor Novais Barbosa. O Parque de Ciência e Tecnologia da Universidade do Porto é como que ‘o braço armado da universidade para a inovação, empreendedorismo e desenvolvimento’, e tem canalizado muito a cooperação com as empresas, sem esquecer a cooperação internacional. Foi inaugurado no passado dia 26 de outubro o novo Centro de Inovação do UPTEC. Este espaço acolhe vários centros de inovação de empresas nacionais e internacionais orientados para a produção de novas tecnologias direcionadas ao mercado e está fisicamente integrado no Campus da FEUP. A Faculdade de



Engenharia está envolvida em grande parte das atividades que estão a ocupar esse edifício, em colaboração com grandes empresas como a EFACEC, SONAE e Tintas CIN. Portanto estamos a intensificar a nossa afirmação como parceiros das empresas para o desenvolvimento técnico e económico.

A Faculdade de Engenharia tem também uma iniciativa que acho brilhante e que reflete a nossa capacidade de cooperação que é o BIN[®]™ "BIN- Business & Innovation Network". É uma organização da responsabilidade do nosso serviço de cooperação, que integra três outras instituições internacionais. Já teve eventos em Sheffield e aqui na FEUP, para o ano será no Brasil e daqui a dois anos em Austin. Tem trazido ao Porto e tem aproximado responsáveis pelas atividades de inovação e empreendedorismo de várias escolas com muito sucesso no alavancar de projetos de cooperação novos.

A universidade está perfeitamente preparada para colaborar com as empresas. Temos gente

nova cheia de vontade de colaborar com as empresas e com muito conhecimento. É preciso que as empresas entendam o tipo de trabalho que importa a ambos fazer e nem todas o entendem. Isto é, o ónus não está do lado da universidade, está nos dois lados. As boas notícias são que, cada vez mais, ou cada vez em maior número, a indústria também está convencida de que interessa colaborar com a universidade.

Serão formas da FEUP estar preocupada com a empregabilidade dos seus alunos?

Claro que sim, e aqui dou uma nota forte e convencida de esperança. Se há gente bem preparada para responder aos desafios e às dificuldades são os diplomados da FEUP. Os diplomas da FEUP têm competências associadas, não são uma simples folha de papel. Só se consegue o diploma da FEUP depois de se ter comprovado competências e julgo que a sociedade percebe isso. Um diploma da FEUP, e agora com selo de qualidade EUR-ACE, só pode ser útil para que o seu portador consiga uma oportunidade. Claro que há uma crise muito grande, mas temos números reais que apontam para 80% de empregabilidade nos primeiros seis meses pós fim de curso. Depois, o percurso, isso é variável e com cada um. Até podem ficar desempregados, é certo. Agora o que eu estou convencido é que esses desempregados conseguem dar a volta, incluindo naturalmente no estrangeiro, como aliás, acrescente-se de há muitos anos a esta parte o fazem muitos jovens Europeus que trabalham no estrangeiro.

O grande problema de irem para o estrangeiro está em não existir tanta gente do mesmo nível a vir para Portugal. Saem jovens muito bem preparados, o que naturalmente é muito preocupante por todas as razões, incluindo a de estarmos a alimentar as economias dos nossos parceiros, mais ricos, e concorrentes.

Neste momento os nossos jovens têm que acreditar em si próprios, têm que ter muita resiliência, enfim força para enfrentar dificuldades, mas os que estão preparados vão vencer, ter uma vida pessoal que os satisfaça profissionalmente e naturalmente contribuir para o nosso desenvolvimento. Isto aplica-se aos nossos diplomados.

A faculdade está em processo de acreditação dos cursos pelo Modelo Europeu EUR-ACE¹, da responsabilidade da OE. Como tem sido a implementação deste processo?

Saberão que tenho uma história associada ao modelo europeu EUR-ACE, porque participei largamente no seu desenvolvimento no quadro da minha atividade na OE. Sou um defensor desse modelo, na medida em que sou Europeísta e na medida em que este modelo se enquadra nas concepções Europeias de qualidade no ensino superior, rigorosamente em linha com as diretrizes mais importantes do Processo de Bolonha.

Deixe-me um aparte de algo muito importante. Nós somos Portugueses. Portugal é País e Nação com história secular, com indelévels laços a África, às Américas e à Ásia, com cultura e personalidade próprias e distintas. Por tudo o que a nossa história universal representa, temos necessariamente que desenvolver ou fortalecer laços com países de outras áreas geográficas, de outros continentes, nomeadamente com os países da lusofonia. Mas, somos hoje um país europeu, membro da União Europeia (UE), e devemos consequentemente ter como objetivo futuro o fortalecimento da nossa integração plena neste continente em que vivemos, colaboramos e competimos. Devemos é procurar um papel de charneira da Europa com o nosso universo, num esforço de desenvolvimento que deverá beneficiar todos. No essencial, é com as valências europeias do século XXI e com as valências da nossa história secular que iremos ser capazes de cooperar, de nos desenvolvermos, de 'exportar o nosso conhecimento' para o mundo.

Nessa medida eu tenho, desde há 30 anos, desenvolvido uma intensíssima atividade europeia e mantido uma grande disponibilidade para trabalhar a nível europeu. A minha passagem pela OE foi uma grande oportunidade, que não desperdicei, para dar a minha contribuição para a integração de Portugal na Europa, na área da engenharia.

Fui vice-presidente da ENAEE-European Network for Accreditation of Engineering Education, onde desenvolvi bastante trabalho relacionado com o modelo de qualidade no setor da engenharia, o

quadro de qualificações setorial das engenharias. Na altura era também o delegado nacional ao BFUG-Bologna Follow-up Group, no âmbito do processo de Bolonha e portanto tive a possibilidade de ajudar a desenvolver uma perspetiva integrada do modelo, das grandes linhas de qualificações globais de Bolonha com as linhas setoriais e daí surgiu um modelo de qualidade que é o EUR-ACE.

Em relação à FEUP, neste momento temos uma situação muito interessante. Dos 10 cursos de engenharia submetidos para avaliação, seis já estão aprovados, três estão numa fase muito adiantada de apreciação, e penso que vão merecer um parecer favorável dos avaliadores, e um recebeu a visita do painel de avaliação nos dias 14 e 15 de fevereiro, o que significa que espero que no fim de maio, ou junho, a FEUP tenha todos os seus cursos com a certificação de qualidade europeia. Penso que vamos ser a primeira escola de engenharia a apresentar todos os seus cursos com o selo de qualidade EUR-ACE.

É um exercício importante a vários níveis: primeiro obriga-nos a refletir, não que estivéssemos mal, mas ajuda-nos a repensar os nossos processos; em segundo lugar é uma mais-valia para os estudantes; em terceiro lugar é mais um ponto de captação de estudantes e a reputação da FEUP vai aumentar com a certificação de todos os cursos, certificados pela OE no quadro do modelo EUR-ACE. Penso que vai ser uma marca da nossa gestão, deste período da vida da FEUP.

Formação e Profissão: Papel do Professor e do Engenheiro na atualidade?

O grande problema do papel do professor na formação é o de transmitir mais organização aos estudantes. O conhecimento técnico, esse transmitimos com qualidade, mas não chega: temos que transmitir melhor organização aos estudos, e a organização transmite-se pela prática do que fazemos. O exemplo pela prática é fundamental. Um exemplo do que considero um indicador muito crítico da capacidade de Portugal evoluir competitivamente é quando vejo um adulto atravessar uma rua, na passadeira à frente de crianças, quando o

¹ a marca de qualidade EUR-ACE- é detida por uma associação Europeia, a ENAEE-European Network for Accreditation of Engineering Education, que a OE é membro. Detalhes sobre a associação, a marca EUR-ACE e o quadro de qualificações em que este modelo assenta estão disponíveis em www.enaee.eu



sinal para os peões está vermelho. Ou pior ainda, quando uma mãe ou pai passam com as crianças de mão dada, com o sinal vermelho. Acho isso devastador para o futuro de Portugal. Isto é um indicador só, é simbólico, complicado é o que está por trás ou na base desses comportamentos. Para mim, a grande questão passa pelos nossos formadores transmitirem mais rigor e organização. Estamos muito bem atualizados, temos as melhores referências bibliográficas, temos excelentes instalações, temos os melhores estudantes, temos de fazer melhor, que é transmitir mais rigor no que fazemos. Tentar evitar que desenvolvam os defeitos dos adultos, no seu crescimento. É preciso um grande esforço nesse sentido.

Numa análise à formação académica na área da engenharia, e ainda que nos últimos anos se tenha diminuído o número de cursos de engenharia no país, como vê a quantidade/oferta de cursos de engenharia a nível nacional e quais as implicações para o ensino?

Sou muito crítico da atual rede de ensino superior. Acho que os governos não têm tido coragem nem força política para vencer os lobbies autárquicos, e de outro género, que querem manter tudo como está. Acho um disparate haver toda esta panóplia de cursos do mesmo género. Haveria muito a dizer neste ponto. Devíamos claramente definir um modelo que se aproxime do modelo dinamarquês e holandês, os alemães também já tiveram esse modelo. Ter um sistema binário com perfis mais vocacionais e perfis de base mais teórica, em que os primeiros ciclos de perfil mais teórico são essencialmente de seguimento para formação adicional de segundo ciclo. Como está temos um excesso de oferta do mesmo tipo, o que significa garantidamente uma menor qualidade.

Há um ponto fundamental, é a base, para qualquer reforma que diminua a dimensão da oferta de primeiros e segundos ciclos e aumente a exigência de qualidade desses estudos. Tal como já o escrevi há muito tempo, em 2004,

importaria que os atuais CET (cursos de especialização tecnológica, nível 5 do atual quadro de qualificações) passassem para o quadro do ensino superior e passassem de um ano e meio para dois anos de formação. Com essa estrutura montada, da responsabilidade dos institutos politécnicos, será possível, de baixo para cima, redefinir toda a oferta que sirva melhor, com mais qualidade, os nossos jovens e as nossas atividades económicas.

De que forma a engenharia portuguesa pode contribuir para a situação económica financeira que se vive em Portugal?

A engenharia e os engenheiros são um recurso fundamental. O desenvolvimento económico de Portugal passa pelos engenheiros terem mais protagonismo, incluindo no ajudar a fazer as leis. O quadro jurídico nacional é um desastre de erros e omissões, como ainda agora se observa com este caso tétrico da interpretação da legislação sobre as autárquicas.

Os problemas de Portugal são muitos, mas certamente que os engenheiros têm que ganhar mais protagonismo, como a legislação nacional tem que ser mais exequível, não condicionada por *lobbies* e não condicionante do funcionamento dos tribunais. Neste ponto, confunde-se muito a substância com os agentes. A culpa não é dos juizes, que na maioria das vezes estão de mãos atadas. Os juizes são pessoas com capacidade de decisão, mas são técnicos e têm que cumprir o que está legislado. Quando a lei permite todo o tipo de coisas que os ricos podem fazer e os pobres não, os juizes não têm culpa no processo. Temos é que ter uma legislação, diria que 'revolucionariamente' diferente e enquanto não tivermos força para isso não vamos lá, estamos de mãos atadas. Esse para mim é o grande problema nacional – a legislação, o quadro jurídico português. E o meu grande desafio como diretor da FEUP é lidar com esse quadro jurídico.

Recentemente foi distinguido pela Federação Europeia de Engenharia Química (EFCE) com a Medalha Dieter Behrens, que distingue uma personalidade europeia em reconhecimento de uma contribuição significativa para as atividades da Federação e da Engenharia Química na Europa. O que significou para si esta distinção?

Certamente que não gosto de falar de mim, mas há momentos em que também ser demasiado modesto é falso. É um prémio de muito prestígio que é dado de quatro em quatro anos, decidido por um comité executivo em que não está qualquer português. É presidido por um distintíssimo professor de Oxford e tem colegas Europeus de grande reputação. É atribuído a uma personalidade pela sua contribuição em prol da engenharia química na Europa e fiquei certamente muito emocionado com essa atribuição. Penso que me terá sido concedido porque fui durante mais de 12 anos membro ativo e presidente durante três anos do Grupo de Educação de Engenharia Química, tendo dentro e fora desse grupo contribuído com bastantes artigos, estudos e conferências (Europa e Canada). Terão reconhecido esses contributos.

Enfim, é um prémio prestigioso, que vou receber no dia 21 de abril, em Haia, na Holanda, na sessão de abertura da conferência Europeia de engenharia química que conta com cerca de duas mil pessoas inscritas.

A propósito do prémio fui também convidado para um *workshop* na BASF sobre o futuro da engenharia química na Europa e no mundo que se irá realizar também em abril. Trata-se de uma reunião restrita e é bom um português estar lá, é bom para Portugal.

Isto associa-se a uma questão cultural sempre à volta do mesmo. É crucial que os portugueses entendam, estejam sintonizados e participem nas atividades que decorrem na Europa.

Acho que em Portugal muitas pessoas nem percebem que de facto existem portugueses reconhecidos a nível europeu, não dão importância. As instituições não dão o devido relevo à publicitação do que de bom é feito nas suas atividades e os media não estão sensibilizados para a importância dessa divulgação.

Há uma mensagem importante, talvez a mais importante, do meu prémio que gostaria de transmitir. Não é por falta de capacidade individual que os Portugueses estão com dificuldade de se afirmarem na Europa. Um português que seja ativo e cooperante é muito bem recebido na Europa e é atentamente ouvido como um Europeu. Se fizer o trabalho de casa

e for para as reuniões preparado não tenho nenhuma dúvida nisso. Se forem participativos, tomarem iniciativa, cooperarem, liderarem grupos são tratados da mesma forma e respeitados como os colegas de outros países. Com todas as vantagens que daí decorrerão para Portugal.

Como avalia o papel da Ordem dos Engenheiros no exercício da profissão e como complemento com o ensino?

A OE tem um papel muito vasto, muito além da regulação da profissão. Tem tido um papel de reflexão sobre a oportunidade de novas áreas, um papel muito importante na crítica da excessiva proliferação de formações, um papel de grande relevo na defesa da qualidade, com esforços e iniciativas importantes para contrariar essa falta de qualidade, e começa a ter desde já uma intervenção no fomento da formação ao longo da vida. Penso que será importante que se adapte, culturalmente e estatutariamente, às concepções de formação ao longo da vida, cooperando com as escolas no sentido da defesa da qualidade dessas formações e no seu reconhecimento para a profissão.

A OE está na linha da frente, tem muito membros dirigentes e não dirigentes com competências para identificar áreas de formação

em falta e incentivar as escolas a suprir essas lacunas. Além da componente política e reguladora a OE tem também de continuar a transmitir à sociedade a importância da engenharia, diretamente ligada à capacidade dos engenheiros intervirem. Há por isso muito para fazer.

Importa acrescentar que penso que a OE é um exemplo de organização profissional com muita credibilidade, diria com grande credibilidade, na sociedade, pela mensagem que transmite de qualidade reguladora e de postura ética não corporativa.

E a relação da OE com a FEUP...

A relação da OE com a FEUP é boa, se bem que precise de mais iniciativas, como o de cooperar na inclusão nos cursos da FEUP da componente de ética e exercício profissional, um esforço que já fizemos e que valeria a pena visitar. Teremos certamente que nos esforçar por termos uma relação cada vez mais próxima na formação de jovens, na articulação de estágios por exemplo, e a FEUP deve colaborar no fomento da atratividade da Ordem.

Devemos transmitir que a OE é uma organização profissional muito importante para a sociedade, na defesa da qualidade e da ética na profissão e na vida.

SEBASTIÃO FEYO DE AZEVEDO

O percurso

Licenciado em Engenharia Química pela Universidade do Porto (1973), doutorado pela Universidade do País de Gales (Swansea, 1982) e agregado pela Universidade do Porto (1996), Sebastião Feyo de Azevedo é professor catedrático de engenharia química desde janeiro de 1998 e, desde julho de 2010, o diretor da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (FEUP).

É membro conselheiro da Ordem dos Engenheiros e membro da Academia de Engenharia.

Dos vários cargos que tem exercido na FEUP destaca-se os de diretor do departamento de Engenharia Química, entre 2001 e 2010, diretor da licenciatura e do mestrado integrado em Engenharia Química entre 2001 e 2007, e diretor do mestrado em Automação, Instrumentação e Controlo, entre 2001 e 2003.

Foi vice-presidente da Ordem dos Engenheiros em dois mandatos, entre 2004 e 2010, tendo ainda nessa qualidade sido Presidente do Comité Nacional da FEANI-Fédération Européenne d'Associations Nationales d'Ingénieurs e delegado português da assembleia-geral da FEANI.

No âmbito da Reforma do Sistema do Ensino Superior, exerceu as funções de delegado Nacional ao *Bologna Follow-Up Group* por nomeação ministerial (2004-2005 e 2007 - 2010), tendo sido Presidente do Grupo Europeu entre Julho e dezembro de 2007. Foi Assessor da Ministra da Ciência, Inovação e Ensino Superior e coordenador nacional da reforma do processo de Bolonha (entre 2003 e 2005). Foi ainda coordenador da Comissão de Acompanhamento do Processo de Bolonha (entre 2006 e 2008) e coordenador do Grupo Nacional de Peritos de Bolonha (entre 2007 e 2008).

A nível internacional teve ainda os cargos de vice-presidente da associação europeia de acreditação de programas de engenharia (a *ENAE-European Network for Accreditation of Engineering Education*), e de presidente do Grupo Europeu de Trabalho sobre Educação em Engenharia Química, no âmbito da Federação Europeia de Engenharia Química, entre 2007 e 2010.

É atualmente, desde 2012, membro do Conselho Nacional para a Ciência e a Tecnologia.